CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal (P.A.)

Class.: 335

Data 6 de Junho de 1986

Pg.: _____

4468 AOS MEUS CAROS AMIGOS

Lucio Elavio Pinto

"Jari: Toda a Verdade sobre o Projeto de Ludwig" é um livro de jornalismo. A frase soar, a uma parte dos leitores de livros, como atestado de inferioridade. O livro pode até ser inferior, dependendo do seu conteúdo. Mas está deliberadamente envolvido pelo esforço pessoal de acabar com um certo tipo de preconceito cultivado contra o jornalismo, sem se deixar embalar pelo canto de sireia de uma postura profissional acomodaticia em pouco exigente.

Fazer jornalismo numa região de fronteira como a Amazônia significa, frequentemente, também fazer história. O cotidiano nem sempre é recorrente nesta área aberta ao saque indiscriminado: o fato pode tornar-se singular, sem repetição, e essa característica de coisa única garante sua perpetuidade na memória humana. A permanência, porém, é digna de museu dos horrores, mesmo porque geralmente a memória é turva, quando chega a existir.

Aí entra o jornalismo, com toda a sua precariedade e limitações, mas seu apaixonante imediatismo. O público às vezes se incomoda com a distinção entre o produto jornalístico e algo mais acabado, resultado mais representativo da atividade intelectual, o trabalho científico. Também os jornalistas se angustiam quando têm que avaliar, se sua produção cabe na moldura formal de um livro, presumivelmente destinado a um mercado mas exigente do que os consumidores de periódicos. Mas é uma inquietação imotivada.

Entre preocupar-se com métodos de abordagem e encarar a verdade, os jornalistas sempre devem optar pela segunda alternativa. Nem sempre conseguimos escrever bons romances, consistentes ensaios ou persistentes teses acadêmicas. Mas fazemos o jornalismo essencial quando saímos à cata da verdade através de métodos investigativos. Da curiosidade de saber, passando pela capacidade de perguntar e a coragem de sustentar interrogações quando elas esbarram na prepotência de poderosos incomodados, o jornalista chega a um produto de valor social, se dá forma ao resultado dessa apuração.

O livro que lancei anteontem não é mais do que isso — e é tudo isso: um jornalismo que não se contenta com a primeira resposta e não desanima no primeiro obstáculo; que segue investigando e recusa fórmulas prontas "caixas pretas". Nas suas 220 páginas, não mais do que um quinto do "cópia" que serviu de base ao texto final, há fatos em abundância para permitir outros benefícios intelectuais, conforme a vertente e a especialidade profissional de cada leitor. Acredito que o maior mérito do livro seja o de executar minuciosa e alentada anatomia de um grande projeto sob controle estrangeiro e sua transição no sentido de se acomodar a uma nova etapa da vida brasileira, quando do evidencia-se a complexidade do que alguns autores se aventuraram a chamar de "modelo político brasileiro".

Tudo o que está escrito no livro repousa sobre uma base documental construída exclusivamente com papéis oficiais, oficiais no sentido de que provêm de concubinato incestuoso entre um Estado que não estava identificado com a Nação e uma corporação privada já sem sintonia com a sua época. Querem nos atribuir culpa no desfecho claudicante dessa empreitada. Meu livro empenha-se em acabar com essa síndrome de Jeca Tatu, através do qual querem continuar nos "grilando" (em seu duplo significado de gíria: a urbana e a rural).

Atrás do livro está um jornalista circunscrito aos fatos, mas que deles não é prisioneiro. Se o "Jari" merecer uma segunda edição, espero enriquecê-lo com as contribuições das pessoas que conhecem novos fatos ou versões, discordam de algum ponto do livro, têm retificações a fazer. No lançamento, fiquei agradavelmente surpreso com o número de gente que foi e ainda é integrante do projeto. Como para fazer o livro, espero muito dessa fonte pra ampliá-lo.

Mas se é uma tessitura rigorosa de fatos, o livro chega também, por via de consequência inevitável, a interpretações gerais, que tenho exposto em entrevistas e artigos. Quando estava em São Paulo, a revista "Pau Brasil" (certamente a melhor publicação existente no país buscando as afinidades entre cultura e ecologia) me pediu um novo artigo para substituir o que não chegara a redação. O primeiro trabalho havia sido feito com fontes de consulta à mão, preso à checagem das afirmativas. O segundo, após tantos anos de análise documental, foi escrito livremente, numa manhã fria da louca e apaixonante capital paulista, a única cidade cosmopolita do Brasil. Suiu o que considero o melhor texto pessoal. Quando "Pau Brasil" publicá-lo, neste mês, espero transcrevê-lo aqui para dividir as idéias com o público que mais me interessa, este aqui.

Foi ele o grande autor da festa de lançamento do meu quarto livro. Pelo menos quatro centenas de pessoas suaram pacientemente na fila para demonstrar ao autor, um jornalista que tem feito de sua inteligência a única arma de combate, e que tem combatido a luta justa, sob regras éticas e morais mais até do que políticas (o que seria inevitável por sua formação), a força do gesto de amizade. Foi uma festa de amigos, unidos apenas por essa condição e cuja diversidade e pluralidade sempre respeitei, procurando destacá-las desde o primeiro livro, quase 10 anos atrás, quando os reuni, com Romulo Maiorana, nas oficinas resfolegantes de O LIBERAL, em plena atividade. É a forma de dizer que acredito na amizade comprometida com um projeto capaz de engrandecer a pessoa enquanto criação social: a democracia.

Os amigos me ajudaram, como nunca, a promover o livro, desde a cobertura fantástica dos veículos do Sistema Romulo Maiorana de Comunicação, à qual incorporou-se automática e incondicionalmente "A Província do Pará", onde comecei e na qual depus meu afeto, até a emocionante presença na igreja de Santo Alexandre. Milton Nascimento lembra musicalmente, sendo a música a definitiva forma de lembrança, que amigo "é coisa para se guardar/ do lado direito do peito". O meu é silencioso e discreto mas é lá que estão todos vocês. Muito obrigado.